

## Sentidos de morte na literatura infantil e possibilidades de abordagem do tema com crianças em tempos de pandemia

**Resumo:** Visando construir estratégias para a abordagem do tema morte, devido a pandemia da COVID-19, propusemos analisar como os sentidos de morte são retratados na literatura infantil. Para tanto, foram selecionados dois livros infantis: *Para sempre no meu coração*, de Ziraldo (2002) e *Menina Nina: duas razões para não chorar*, de Mauricio de Sousa e Paula Furtado (2019). No artigo apresentamos a biblioterapia; os sentidos de morte em diferentes contextos e trazemos exemplos de livros. Pautando-nos em algumas discussões teórico-metodológicas da linguística e Análise de Discurso, realizamos uma descrição das obras, focando nos aspectos verbais e não verbais. Constatamos que os livros selecionados podem auxiliar nas explicações das múltiplas maneiras de compreender a morte, dessa forma, podem ajudar os pais a conversarem com os filhos e os professores a elaborarem estratégias didáticas, seguindo diretrizes da BNCC para Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental.

**Palavras-chave:** Livros infantis. COVID-19. Educação. Morte.

### Senses of death in children's literature and the approaching possibilities of the subject with children in pandemic times

**Abstract:** In order to build strategies for addressing the theme of death, due to the COVID-19 pandemic, we proposed to analyze how the meanings of death are portrayed in children's literature. To this end, two children's books were selected: *Forever in my heart*, by Ziraldo (2002) and *Menina Nina: two reasons for not crying*, by Mauricio de Sousa and Paula Furtado (2019). In the article we present bibliotherapy; the meanings of death in different contexts and we bring examples from books. Based on some theoretical-methodological discussions of linguistics and Discourse Analysis, we performed a description of the works, focusing on verbal and non-verbal aspects. We found that the selected books can help explain the multiple ways of understanding death, thus, they can help parents to talk

#### Jessiara Leandro de Souza

Bacharela em Secretariado Executivo Trilíngue pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Minas Gerais, Brasil.

 [orcid.org/0000-0003-2809-6553](https://orcid.org/0000-0003-2809-6553)

✉ [jessiaraleandro@gmail.com](mailto:jessiaraleandro@gmail.com)

#### Bethania Medeiros Geremias

Doutora em Educação Científica e Tecnológica (UFSC). Docente do Programa de Pós-graduação em Educação do Departamento de Educação, da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Minas Gerais, Brasil.

 [orcid.org/0000-0002-1188-7706](https://orcid.org/0000-0002-1188-7706)

✉ [bmgeremias@ufv.br](mailto:bmgeremias@ufv.br)

Recebido em 13/11/2020

Aceito em 09/12/2020

Publicado em 24/03/2021

eISSN 2675-1933

 [10.37853/pqe.e202122](https://doi.org/10.37853/pqe.e202122)



to their children and teachers to develop didactic strategies, following BNCC guidelines for Early Childhood Education and early years of Elementary School.

**Keywords:** Children's books. COVID-19. Education. Death.

### **Significados de la muerte en la literatura infantil y posibilidades de abordar el tema con los niños en tiempos de pandemia**

**Resumen:** Con el fin de construir estrategias para abordar el tema de la muerte, debido a la pandemia de COVID-19, nos propusimos analizar cómo se retratan los significados de la muerte en la literatura infantil. Para ello, se seleccionaron dos libros infantiles: Siempre en mi corazón, de Ziraldo (2002) y Menina Nina: dos razones para no llorar, de Mauricio de Sousa y Paula Furtado (2019). En el artículo presentamos biblioterapia; los significados de la muerte en diferentes contextos y traemos ejemplos de libros. A partir de algunas discusiones teórico-metodológicas de lingüística y análisis del discurso, realizamos una descripción de los trabajos, enfocándonos en los aspectos verbales y no verbales. Descubrimos que los libros seleccionados pueden ayudar a explicar las múltiples formas de entender la muerte, por lo tanto, pueden ayudar a los padres a hablar con sus hijos y maestros para desarrollar estrategias didácticas, siguiendo las pautas de BNCC para la Educación Infantil y los primeros años de la Escuela Primaria.

**Palabras clave:** Libros para niños. COVID-19. Educación. Muerte.

## **1 Introdução**

No contexto atual, marcado pela pandemia do coronavírus, cuja doença é denominada COVID-19, circulam uma série de notícias na mídia sobre as milhares de mortes no país e no mundo. Com isso, políticas de isolamento social preventivo levaram ao fechamento das escolas em todo o país e as crianças acabam por ficar em casa em contato permanente com informações sobre pessoas falecidas em consequência dos

efeitos da doença. Muitas delas são atingidas diretamente com o falecimento de parentes próximos, incluindo pais, irmãos e avós.

Tendo em vista esse contexto, interessou-nos pensar em alternativas para abordar essa temática tão sensível com as crianças na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, de modo a mobilizar sentimentos e emoções infantis despertados no contexto pandêmico e pós-pandêmico.

Como auxiliarmos crianças a enfrentarem os desafios de viver em quarentena, aos pais a lidarem com a nova rotina de seus filhos e aos professores na elaboração de estratégias didáticas que contemplem temas envolvendo a finitude humana e os efeitos dessa doença que assola o mundo? Essa é uma questão que atravessa as finalidades deste trabalho. Temos consciência que este é um tema delicado, mas acreditamos que precisamos, mais do que nunca, pensar em possibilidades sensíveis para essa abordagem.

Conforme nos alerta Schmidt, Melo, Lima, Pereira, Serpeloni, Katz, Rabelo, Kabad, Souza e Souza, Kadri e Magrin (2020), Vasques e Oliveira (2021), essa mudança abrupta nos modos de vida pode desencadear uma série de doenças psicológicas que aprofundam ainda mais o medo de sermos atingidos pela fatalidade iminente, ainda mais quando não sabemos ao certo todos os efeitos físicos e psicológicos provocados pelo contato diário com notícias que geram pânico e estresse.

Na atual situação mundial, a morte, que era um assunto constantemente evitado, entra em cena todos os dias. Conversas que antes eram descontraídas, canais de TV, redes sociais, agora se concentram em notícias frequentes de pessoas que não sobreviveram à COVID-19. As crianças que antes eram poupadas de falar sobre a morte, hoje assistem e escutam notícias diárias que contabilizam doentes e mortes de pessoas no mundo inteiro.

Essa falsa sensação de proteção à infância que evita tocar no assunto com as crianças, talvez mesmo pelo fato de os adultos não se sentirem preparados, sejam eles familiares ou professores, pode não ser uma saída razoável, principalmente quando consideramos que as crianças são seres curiosos por natureza e produzem sentidos internos sobre todos os acontecimentos que as circundam.

Falar sobre a morte não é fácil, mas torna-se essencial porque as crianças precisam e têm direito de serem informadas e formadas intelectualmente e emocionalmente para lidarem com seus sentimentos e pensamentos. Embora exista uma falsa impressão de que as crianças não entendem ou não precisam ter contato com esse processo natural da vida. Torres (1979), em obra já antiga, diz que a negação ou a conspiração do silêncio sobre a morte com as crianças pode trazer consequências ainda mais prejudiciais, na medida em que ao buscarmos protegê-las, acabamos por bloquear sentimentos que podem afetar diretamente a saúde dos pequenos, inclusive na vida adulta.

É preciso considerar, igualmente, as orientações curriculares para abordagem dessa temática na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, que contemplam a educação de crianças de zero (0) a dez (10) anos aproximadamente, tais como aquelas dispostas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), de 2018. Destacamos deste documento a competência geral de número 4, que apresenta como finalidade a utilização de:

4

diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo (Brasil, 2018, p. 09).

Essa competência pode ser desenvolvida tanto por meio do trabalho com os Campos da Experiência, no caso da Educação Infantil, quanto das Unidades Temáticas das áreas de conhecimento trabalhadas nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Com destaque, no caso desse trabalho, para as áreas de Ciências da Natureza e de Linguagem, que envolvem os campos de estudo das autoras deste artigo.

Dentre os Campos da Experiência possíveis citamos: *O eu, o outro e nós; Corpo, gestos e movimentos; Escuta, fala, pensamento e imaginação*. Da primeira etapa do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano), destacamos a Unidade Temática Vida e Evolução, da área de Ciências da Natureza, nas quais são previstos alguns Objetos do Conhecimento relevantes ao tema, tais como: Corpo Humano (1º ano) e Microrganismos (4º ano). Pensamos que a morte como Objeto de Aprendizagem pode, igualmente, ser integrada de modo interdisciplinar em Projetos Temáticos.

No âmbito da inserção dessa temática nessa área de Ensino e Aprendizagem de ciências, Nicolli e Mortimer (2012, p. 23-24) escrevem que há três modos de pensar e falar sobre a morte: o naturalista, “enquanto fenômeno resultante de uma disfunção orgânica e que, num momento ou noutro da vida, atingirá todos os seres humanos”; o religioso, “identificada por meio do reconhecimento da mortalidade do corpo e, como contraponto, da ideia da imortalidade da alma”; o relacional, que consiste em uma “zona na qual estão formas de pensar que indicam aspectos sobre a relação do ser humano com a morte”.

Para esses autores, caberia à escola e à Educação em Ciências serem espaços fundamentais para a abordagem desse conceito, de modo a reconhecer a diversidade de relações científicas, históricas, sociais, culturais e psicológicas que podem ser estabelecidas no planejamento e desenvolvimento de propostas didáticas nas salas de aula, mas “sem perder de vista as especificidades de cada área do conhecimento e sem superficializar as práticas pedagógicas e o processo de construção do conhecimento” (Nicolli & Mortimer, 2012, p. 33).

Desse modo, é possível vislumbrar, ainda, uma articulação com a área de Linguagem, quando buscamos integrar a literatura infantil nas estratégias didáticas das diferentes áreas de conhecimento escolar para a mobilização de sentimentos, emoções e pensamentos das crianças no contexto educativo, sobretudo pós-pandêmico. Destacamos o componente Língua Portuguesa, por este contemplar o eixo Leitura.

Tendo em vista essas explicitações, acreditamos que uma forma de lidar com temas delicados com as crianças, como a morte, são os livros infantis. Giroto e Oliveira (2018) defendem que podemos lançar mão da literatura para ensinar conceitos e, ao mesmo tempo, proporcionar espaços de descobertas e diálogos sobre diferentes temas, de modo a mobilizar imaginários, emoções, sentimentos e dúvidas infantis. Para Schmidt, Melo, Lima, Pereira, Serpeloni, Katz, Rabelo, Kabad, Souza e Souza, Kadri e Magrin (2020), a leitura pode ser uma excelente maneira de ajudar os pais e crianças na

adaptação da quarentena e ser uma oportunidade de estimular a capacidade cognitiva das crianças em casa e na escola, mesmo durante a pandemia<sup>1</sup>.

A partir de uma pesquisa de cunho qualitativo descritivo das obras mencionadas, de seus sentidos e estratégias textuais (verbais e não verbais) com as crianças, queremos entender como é abordada a temática da finitude humana nos livros *Menina Nina: duas razões para não chorar*, de Ziraldo, e *Para sempre no meu coração*, de Mauricio de Sousa e Paula Furtado. Para tanto, formulamos algumas questões norteadoras que nos auxiliaram no processo de análise e discussão das obras selecionadas: Quais as contribuições que essas obras trazem? Quais os sentidos de morte materializados nesses textos literários? A forma como esses livros são escritos ajudam no diálogo das crianças com os pais e/ou professores sobre a morte?

Nesse processo, buscamos contextualizar a morte em diferentes culturas, épocas e religiões, dialogando com os diferentes sentidos que podem se materializar nos textos produzidos para o público infantil e sua linguagem específica.

6

Iniciamos com uma viagem sobre os múltiplos modos de pensar e lidar com a morte na história humana. Posteriormente, apresentamos a biblioterapia como possibilidade de uma forma sensível de abordagem do tema com as crianças e citamos algumas obras infantis que o exploram. Na metodologia, contextualizamos os dois livros infantis selecionados para análise e seu tratamento metodológico neste trabalho.

Desse modo, esperamos trazer contribuições para professores, pais, familiares e crianças que nos auxiliem a atravessar esse período pandêmico, que tem nos colocado face-a-face com uma realidade silenciada: a de que apesar de sermos mortais, podemos transformar realidades, buscar caminhos para uma vida plena e justa para todos/todas e construir um mundo melhor para as gerações atual e futura.

## 2 Um passeio pela morte

---

<sup>1</sup> Fazemos referência às Instituições Educativas que optaram por continuar atuando por meio do Ensino Remoto, seja através das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) ou pelo fornecimento de material impresso para que os estudantes realizem as atividades em casa.

Todos nós já nos indagamos se existe vida após a morte ou para onde vamos quando morremos, entre outras perguntas sobre esse tema tão falado e, ao mesmo tempo, tão desconhecido. Esses questionamentos são atemporais: “a partir do momento em que o *homopatiens*, isto é, o homem que sofre, tomou consciência da morte, ele iniciou suas reflexões acerca da vida e dos sentidos atribuídos à existência humana” (Aquino, Alves, Aguiar & Refosco, 2010, p. 233).

Para tentarmos entender um pouco sobre esse tema, faremos um passeio sobre a história da morte com o guia Caronte, o barqueiro do submundo. Sob as águas do rio Estige<sup>2</sup>, passaremos por várias formas de enxergar e lidar com a morte. Segundo Santos (2009, p. 16):

A mitologia grega também nos legou ensinamentos sobre a preocupação com a morte através dos escritos de Esopo e Psique, Hipnos e Tanatos, representando, respectivamente, o amor e a alma, o sono (uma espécie de morte) e a morte. Além disso, os gregos idealizaram uma região além-túmulo, denominada Hades, local onde habitavam os mortos e que se conseguia chegar através de Caronte cobrava pelos seus serviços e por isso observamos o costume de enterrar os mortos, naquela cultura, com uma moeda na boca.

A morte tem diferentes explicações e rituais, dependendo de diversos fatores como idade, religião, tempo e cultura. Na história de Caronte, a morte é explicada por meio de um mito, o que acontece em diversas culturas. Esse modo de explicar a morte a partir dos mitos tem relação com as diferentes formas que as sociedades produziram e utilizaram para entendê-la (Santos, 2009).

Além das histórias e mitos, existem as explicações religiosas. Para judeus e cristãos que acreditam em ressurreição “a morte promovia o acesso para outra dimensão da vida, seja de eterno sofrimento e expiação nos infernos, ou de bem aventurança no paraíso, do qual fomos expulsos pelo pecado original” (Giacioia Júnior, 2005, p. 17). No pensamento budista, há a crença de que nós podemos voltar, mas com uma vida diferente da que tivemos, pois “a morte é o momento de máxima consciência, e

---

<sup>2</sup> Segundo a mitologia grega, é o rio no submundo usado por Caronte para levar as almas pelo barco até Hades (Drigo, 2015).

os homens iluminados, lembram suas mortes e suas outras vidas. Então não há só uma morte, mas várias, durante todo o processo evolutivo.” (Kovács, 1992, p. 1).

Na modernidade, há um deslocamento do sentido de morte, que passa “a ser sinônimo de fracasso, impotência e vergonha. Tenta-se vencê-la a qualquer custo e, quando tal êxito não é atingido, ela é escondida e negada” (Combinato; Queiroz, 2006, p. 210). Esse modo de compreender a morte era comum na mesopotâmia, pois se compreendia a morte como “uma espécie de queda, rebaixamento, diminuição da vida - ou melhor, uma condição degradada de existência, o apagamento e a sombra do que outrora era vivo” (Giacioia Junior, 2005, p. 15).

Porém, a morte pode ser considerada algo grandioso e honrado. Os gregos antigos, por exemplo, a concebiam como “a glória cantada de geração pelos poetas, que fazia fulgurar na memória a lembrança da grande individualidade” (Giacioia Junior, 2005, p. 18).

Continuando a viagem no tempo, retomamos Caronte, o barqueiro do submundo. O viajante a todo tempo problematiza questões relativas aos efeitos da nossa morte. Ele pergunta: Será que seremos cremados ou enterrados? Será que os familiares e amigos ficarão tristes? Será que irão em alguma celebração se despedir de mim?

Essas dúvidas podem ser respondidas de formas diferentes, segundo Giacioia Junior (2005), os gregos antigos cremavam os corpos como sacrifício, assim como os hindus. Eles acreditavam que essa era um modo de expiação, preparando o atravessamento dos mortos para outra condição de existência. A cremação, como prática, vem se desenvolvendo nas culturas ocidentais modernas, por razões higiênicas e ecológicas (Combinato & Queiroz, 2006, p. 211). A prática de enterrar os mortos é também antiga, remontando aos mesopotâmios que sepultavam seus mortos com a ideia preconcebida de que esta era apenas um rito de passagem (Caputo, 2008, p. 74).

As técnicas de sepultamento são igualmente distintas. De acordo com Santos (2009), foram os egípcios antigos que melhor desenvolveram um sistema próprio para os sepultamentos, tornando a morte uma questão central. O autor cita as pirâmides, as tumbas, as mumificações, o Livro dos Mortos, entre outros.

Melo (2004, p. 10-11), faz referência aos inúmeros rituais utilizados para simbolizar a morte, citando “os cultos, as vestes brancas, pretas, o luto, o velório, as novenas, jardins, enterros, cemitérios, crematórios”. Estes ritos variam de acordo com povos e épocas e, se manifestam através de distintos sentimentos e percepções, que vão da alegria ao medo, de alívio ao forte pesar.

Para Ariès (1997, p. 41), muitos dos nossos hábitos podem ser explicados de acordo com as crenças antigas:

Apesar da sua familiaridade com a morte, os antigos temiam a proximidade dos mortos e os mantinham a distância. Honravam as sepulturas - nossos conhecimentos das antigas civilizações pré-cristãs provêm em grande parte da arqueologia funerária, dos objetos encontrados nas tumbas. Mas um dos objetos dos cultos funerários era impedir que os defuntos voltassem para perturbar os vivos.

Entretanto, como tudo o que existe, houve mudanças na forma como eram realizados esses rituais, pois a morte “tratava-se também de uma cerimônia pública. O quarto do moribundo transformava-se, então, em lugar público XVIII, que descobriram as primeiras regras de higiene, queixavam-se do excesso de pessoas no quarto dos agonizantes” (Ariès, 1977, p. 39).

Conforme o ser humano vai se desenvolvendo, algumas coisas necessitam de mudanças. Nesse sentido, é importante ressaltar os contributos das diversas ciências na análise do conhecimento sobre a morte, dada a sua implicação cultural e social (Santos, 2009).

Sabemos que familiares e amigos podem enfrentar de maneira diferente o luto de um ente querido, dependendo da cultura em que eles vivem, por exemplo:

No México, onde a maioria dos habitantes pertencem à religião católica, mas mantém forte apelo de ricas tradições mezoamericanas, há cerimônias sincréticas em torno da morte, que misturam o sagrado e o profano de uma maneira irônica, que pode ser considerado um deboche desse sentimento; a ironia, a brincadeira, o tratamento familiar e amistoso, respeito, temor e deboche, são formas de “exorcizar” a morte, tornando-a distante e ao mesmo tempo próxima. Esta forma de celebração remonta às culturas do México antigo (Villasenor & Concione, 2012, p. 39).

Como há crianças no mesmo barco que nós, precisamos dizer, aos que estão preocupados, que os pequeninos também entendem sobre o fim da vida, pois “desde cedo a criança vivencia situações que lhe permitem criar uma noção da morte” (Paiva, 2011, p. 31). Compreender como se desenvolve o pensamento infantil e como abordar

determinados temas, tal como o da finitude humana para esse público, é extremamente relevante, pois entre os três e cinco anos já começam a surgir questionamentos sobre a morte entre as crianças (Vendruscolo, 2005), sobretudo neste tempo em que a Internet e a Televisão bombardeiam nossas casas com notícias atualizadas sobre os efeitos do coronavírus, as doenças, as mortes etc., sem contar os sensacionalismos diários sobre outros acontecimentos que não cessam de nos lembrar que somos finitos.

Entretanto, o conceito de morte emerge “como imobilidade em contra oposição ao de estar vivo, representado pelo movimento. Ainda há uma associação da morte com separação e sono, porém não de forma definitiva, mantendo a noção reversibilidade” (Vendruscolo, 2005, p. 28). Esse mesmo autor, escreve que em cada ciclo da vida há uma forma diferente de interpretar a morte.

Acreditamos que negar a morte não é o melhor caminho. Nesse sentido, concordamos com Kovács (2005, p. 487) quando ele afirma que “quanto mais se nega a morte, mais esta parece fazer-se presente por meio da violência urbana, do crescimento do número de pessoas portadoras do HIV, do suicídio, das guerras”. Por essa razão, trouxemos um breve levantamento histórico dos sentidos sobre a morte, pois estes nos auxiliam na análise dos livros selecionados e, ao mesmo tempo, corroboram a relevância de uma área específica: a biblioterapia.

### 3 Biblioterapia com a morte

Existem diversos modos de ensinar as crianças a lidar com situações ruins, o que pode auxiliar aos pais ou responsáveis, principalmente aqueles que possuem dificuldade de conversar com os pequenos sobre assuntos mais complicados. Um dos métodos é o uso das brincadeiras, com a técnica da ludoterapia. Conforme Silva e Garcia (2016, p. 38), esta é

[...] utilizada em crianças, adolescentes e jovens, mas tendo mais efeito em crianças de até seis anos de idade, pois auxilia no desenvolvimento físico, mental e social da criança. Com o uso de jogos e histórias a ludoterapia alcançam adolescentes e jovens. No entanto há atividade que utiliza a ludoterapia em adulto.

Outra forma possível, é com o uso dos livros que, além de encantarem, distraírem e ensinarem, também podem servir de refúgio para os momentos difíceis. Esse tipo de

terapia por meio dos livros recebe o nome de biblioterapia. Esta abordagem contempla não apenas a leitura, mas também é uma atividade interdisciplinar, na qual profissionais de diversas áreas. “[...] devem estar unidos por um só objetivo: oferecer qualidade de vida aos pacientes internos e/ ou acompanhantes para que durante o processo de tratamento os estimule a retornar a vida em sociedade” (Silva & Garcia, 2016, p. 11).

Para Caldin (2011), a biblioterapia pode conduzir crianças e adultos à reflexão, abrindo espaço para que outras dimensões sobre determinados temas possam ser abarcados. No caso dos ritos de passagem, podem ajudar as crianças a lidarem com o luto, desde que as leituras sejam mediadas por profissionais ou adultos preparados.

Existe mais de uma maneira de se fazer a biblioterapia. Guedes (2013) classifica esses modos de abordagem em três tipos: institucional, clínica e desenvolvimental. Conforme Guedes (2013) e Silva e Garcia (2016), o primeiro, é geralmente usado para pessoas que estão no hospital e necessitam de médicos e bibliotecários; o segundo, visa ajudar as pessoas a lidarem com questões emocionais e é realizada por bibliotecários, psicoterapeutas e médicos; o terceiro, é utilizado para auxiliar em problemas do cotidiano e pode ser feito bibliotecários, educadores e também com outras profissões.

No contexto educacional, é possível articular a prática da biblioterapia às práticas pedagógicas. Sobretudo quando buscamos integrá-la aos modos de compreensão teórica que embasam os currículos escolares, tal como explicitamos ao nos referirmos à BNCC. Conforme expresso neste documento, na área de Linguagem, componente Língua Portuguesa:

[...] o Eixo Leitura compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para: fruição estética de textos e obras literárias; pesquisa e embasamento de trabalhos escolares e acadêmicos; realização de procedimentos; *conhecimento, discussão e debate sobre temas sociais relevantes*; sustentar a reivindicação de algo no contexto de atuação da vida pública; ter mais conhecimento que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades. Leitura no contexto da BNCC é tomada em um sentido mais amplo, dizendo respeito não somente ao texto escrito, mas também a imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos etc.) e ao som (música), que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais (Brasil, 2018, p. 71, grifo nosso).

Sem o acompanhamento, a biblioterapia pode ser utilizada, então, como mobilizadora de debates sobre temas socialmente relevantes, conforme finalidade

grifada na citação anterior, ou como arte, de modo em que o leitor possa “retirar do texto, sem intervenção de um facilitador, o que relaciona com suas emoções, com seus objetivos, seus assuntos pessoais” (Rosa, 2006, p. 27).

### 3.1 Livros infantis e o tema morte

Na literatura infantil há histórias que envolvem pessoas e animais que não estão mais entre nós de diferentes formas. Em algumas delas, nem percebemos tratar-se de cenas de morte, criando uma ideia mágica de mortalidade. Conforme Paiva (2011, p. 21), essa ideia “aparece quando, por exemplo, o Pica-Pau é atropelado por um trem, fica completamente estendido no chão como folha de papel e, em questão de instantes, toma sua forma original e sai por aí aprontando das suas ...”. Isso acontece em livros como “Chapeuzinho Vermelho” (1607), no qual a vovozinha é comida pelo Lobo-Mau e o Caçador consegue tirá-la com vida e, em “Pinóquio” (1881), na parte em que Pinóquio e Gepetto são engolidos por uma baleia e saem vivos.

12

Em outros contos como “Branca de Neve” (1812) e “Cinderela” (1697), os seus pais morrem e elas sofrem nas mãos das madrastas, embora a morte em si não seja o foco. Algumas estórias falam da dor de se sentir sozinho, como em “O Patinho Feio” (1843). Nesse conto, são explorados os sentimentos infantis relativos à perda de alguém próximo, como os pais. Conforme Franco e Mazorra (2007, p. 508), “a criança costuma sentir-se abandonada pela pessoa que morreu. Em função da grande idealização das figuras parentais, pode ser difícil para ela compreender que os pais sofreram algo, independentemente de sua vontade”.

A morte também é tratada diretamente em histórias infantis. Ela aparece personificada nos quadrinhos da Turma da Mônica, de Mauricio de Sousa, nos quais a “Dona Morte” veste-se toda de preto, com um vestido longo e uma capa com capuz. Além de, em outros casos, mostrar indagações sobre para onde vamos quando morremos ou para falar da morte de algum personagem.

As histórias que abordam a morte diretamente, mostram como aquele ser que morreu continua ainda vivo dentro da pessoa, o que acontece na lenda da palavra “Mandioca” e do livro “A Árvore das Lembranças”, de 2014, escrito por Britta

Teckentrup, nas quais quem morre transforma-se em uma planta, garantindo a lembrança do ente querido.

#### 4 Metodologia

Os livros infantis são analisados desde uma perspectiva qualitativa, contribuindo para estudar os sentidos e “fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes” (Godoy, 1995, p. 21).

No processo da leitura das histórias selecionadas, buscamos não somente descrever como a morte tem sido abordada na literatura infantil, por meio dos dois livros exemplares, mas interpretar os sentidos materializados no texto verbal e imagético. Essas interpretações vão além do que diz o texto (Orlandi, 2009), pois buscamos relacionar o que é dito com os modos de dizer, as condições em que se produzem e as teorias que fundamentam as reflexões sobre as possibilidades de abordagem do tema morte com crianças na literatura.

Nesse sentido, nos pautamos em Orlandi (2008, p. 92), ao compreender que todo o “gesto de interpretação vem carregado de uma memória (de uma filiação), que, no entanto, aparece negada, como se o sentido surgisse ali mesmo”. Nessa acepção, os sentidos produzidos sobre a morte, historicamente e socialmente, ao se materializarem nos textos, filmes, histórias, poemas etc., entram no jogo da significação produzida pelo analista pesquisador, a partir da teoria que lhe dá suporte, das suas questões e do contexto em que se produzem os sentidos. É relevante considerar as áreas de formação das autoras: letras e pedagogia, pois elas contribuem com o modo como os textos são analisados, fazendo remissões as suas histórias profissionais e formativas.

A análise terá como corpus as histórias de dois autores consagrados da literatura infantil brasileira: Maurício de Sousa e Ziraldo. Eles abordam, em seus respectivos livros, esse tema tão delicado, a finitude humana. Ziraldo, com o livro: *Menina Nina: duas razões para não chorar*, livro autobiográfico, de 2002, que conta a morte de sua esposa, Vovó Vivi. Conforme Giroto e Oliveira (2018, p. 126), “Menina Nina é uma poesia do começo ao fim. As palavras, versos, estrofes, ilustrações, arte gráfica foram feitas de tal

maneira que é impossível o leitor não se encantar e se emocionar com esta narrativa que trata da própria vida do escritor.”

Após dezessete anos, em 2019, Mauricio de Sousa Produções lançou o livro *Para sempre no meu coração*, que conta a história da Vovó Zinha, escrita pela psicopedagoga Paula Furtada, com Mauricio de Sousa como cartunista. As obras de Maurício de Souza possuem grande sucesso comercial e se vincula a uma série de ações destinadas à educação (D'Oliveira, 2011).

Ziraldó e Mauricio de Sousa, apesar de serem famosos autores infantis e de descreverem crianças como protagonistas em seus livros, de forma geral, possuem diferenças nas abordagens nos livros. Como mostra Vergueiro (1999, p. 2):

Mauricio escolheu, para suas histórias em quadrinhos, um enfoque diferente daquele utilizado por seu colega Ziraldó. Ao invés de buscar elementos umbilicalmente ligados às características da realidade brasileira, ele optou por criar um grupo de crianças que tivesse, o mais possível, características universais.

O que justifica a investigação de como foram realizadas as narrativas nesses livros selecionados é um entendimento de que ao abordá-los podemos ajudar os pais, educadores e crianças a dialogarem sobre a finitude humana.

Para identificar e analisar a relação estabelecida entre linguagem verbal e não verbal pelos autores das obras citadas construímos um quadro - disponível no item de análise e discussão - que permitisse identificar os mecanismos linguísticos e discursivos utilizados pelos mesmos que consideramos contribuir para o processo de produção de sentidos de morte materializados nos livros.

Conforme Orlandi (2007, p. 09), “a interpretação está presente em toda e qualquer manifestação da linguagem. Não há sentido sem interpretação . . .”. Desse modo, “as diferentes linguagens, ou as diferentes formas de linguagem, com suas diferentes materialidades, significam de modos distintos”. É a partir dessa concepção que a discussão sobre os sentidos da morte será relacionada na análise ao que é dito pelos escritores, mas também como é dito e aos modos de perceber a morte e lidar com ela em diferentes culturas e épocas. Ao descrevermos e analisarmos, tanto a linguagem verbal como a não verbal, buscamos produzir novos sentidos sobre a temática e, ao mesmo tempo, fornecer subsídios aos professores e professoras na preparação de suas

aulas, principalmente no contexto atual, no qual a morte parece estar se tornando a personagem principal.

## 5 Análise e discussão

Para realizar a nossa análise partimos da apresentação dos mecanismos utilizados na linguagem verbal e não verbal pelos autores das duas obras analisadas. Estas, são apresentadas no quadro abaixo:

Quadro 1 – Categorização dos livros analisados

	<b>Menina Nina: duas razões para não chorar</b>	<b>Para sempre no meu coração</b>
Linguagem não verbal	Complementar a narrativa; Cores fortes; Enquadramento: ângulo normal, plongée e contra-plongée; metalinguagem.	Complementar a narrativa; Cores fortes; Enquadramento: ângulo normal e plongée; metalinguagem.
Linguagem verbal	Figuras de linguagem: eufemismo, aliteração, anáfora, metáfora; Narrativo com versos; Discurso indireto e direto.	Figuras de linguagem: sinestesia, eufemismo, analogia, cacofonia; Narrativo; Discurso direto.
Sentidos da morte	Ausência de ritual fúnebre; Não crença da vida após a morte; Religião.	Ausência de ritual fúnebre; Religião.

Fonte: Resultados obtidos a partir da análise dos livros, 2020.

A partir dos elementos identificados no quadro podemos inferir, a princípio, que as obras selecionadas têm como característica a multimodalidade, na medida em que utilizam no mesmo material recursos da linguagem verbal e não verbal, permitindo maior exploração da temática definida pelos autores e a exploração de diferentes tipos de interpretação. Na descrição e análise das obras em separado podemos exemplificar melhor essa inferência.

### 5.1 Menina Nina: duas razões para não chorar

*Menina Nina: duas razões para não chorar* é uma história auto bibliográfica escrita e ilustrada por Ziraldo. Nela, ele conta as vivências de sua esposa, Vovó Vivi, após a chegada da primeira neta, Nina.

Nina foi uma neta aguardada com muita alegria por sua avó. A história mostra como a chegada da neta mudou a vida da Vovó Vivi. “[...] Vovó Vivi vai viver uma nova

vida, mais nova que a que viveu [...]” (Ziraldo, 2002, p. 6) e, também faz uma analogia às bonecas russas, matrioskas, que representam uma geração, a continuidade da família de Vovó Nina. Vovó se gabava da neta: “[...] Menina Nina é a menina mais sensível e inteligente que já vi na minha vida” (Ziraldo, 2002, p. 11) e guardava tudo o que Nina fazia: desenhos, frases, qualquer invenção de sua neta e depois contava aos amigos.

Porém, ela não é uma avó típica das histórias de crianças, que fica em casa tricotando e cuidando da neta e também não é a representação de uma velhinha de cabelos brancos de óculos. Além de moderna, Vivi é linda, parece uma artista de cinema. Vovó tem uma vida além de ser avó, ela “Querida viver ali ouvindo todas as línguas, falar de horas e voos entre portões e setores, entre lojas setores, entre lojas e vitrinas [...]” (Ziraldo, 2002, p. 14). O que não a impede de ser considerada a avó do ano e querer ver Nina crescer.

Nina admira muito a Vovó Vivi. Além de gostar de mexer nas suas coisas, também sonha em ser igual a ela. Ao ver as fotos de sua avó que é cheia de viagens e comemorações, também percebe que se parece com sua avó.

Após apresentar a importância do relacionamento entre avó e neta, a história muda. Aparece uma imagem de Nina, de costas para o leitor, olhando para lua de uma janela grande em tons de azul e essa ilustração misteriosa vem acompanhada de um pequeno texto: “E aí, teve uma noite em que a Lua lá no Céu cedo se desenhou bem clara e redondinha.” (Ziraldo, 2002, p. 25). Como explicam Giroto e Oliveira (2018, p. 129), ao realizarem uma análise da obra,

Os substantivos “lua” e “céu” foram grafados em letras maiúsculas revelando um destaque para aquilo está acima de nós: o desconhecido. O narrador ainda atribui adjetivos carinhosos para a lua, como se quisesse transformar aquele momento difícil em algo menos doloroso. Pela leitura dessa estrofe podemos inferir que a lua se antecipou para anunciar a tragédia que ocorreria naquela família.

As próximas páginas não apresentam imagens, indicando que algo diferente ocorreu. O texto verbal demonstra a angústia da menina Nina, que não vê a sua avó assim que acorda e só descobre o porquê quando a porta do quarto de Vivi foi aberta, “Vovó dormia para sempre” (Ziraldo, 2002, p. 27). Na página seguinte, é possível sentir nas palavras a tristeza e a indignação de Nina, por não ter mais avó do seu lado e as

imagens voltam a aparecer com uma ilustração de Nina em pé, aparentemente se questionando sobre o que está acontecendo. No livro Ziraldo (2002, p. 28) escreve:

Vovó, você nunca disse que queria ir embora assim, sem dizer adeus. Não era isso, vovó, que estava combinado. Vovó, e suas promessas? Vovó, e nossas viagens? Vovó Vivi, e as farras que a gente ia fazer? E a nossa parceria? Vovó, e os meus segredos? Pra onde você levou? E como é que vou crescer sem você me ver crescer? Como vou andar no mundo onde você não está? Vovó, eu não posso mais abraçar as suas pernas, não posso beijar seu rosto, não posso pegar sua mão... Vovó, que coisa difícil, Vovó Vivi, que aflição!

A forma de contar a história muda novamente. Ziraldo começa a falar diretamente com Nina, após uma ilustração ocupando duas páginas de Nina chorando. O autor se compadece da dor da neta e começa a dar conselhos. Primeiro ele pede que ela pare de chorar e entenda a situação. Porém, ele muda de opinião, “Ou melhor: chore bastante. A gente afoga nas lágrimas a dor que não entendemos” (Ziraldo, 2002, p. 31). E a próxima página aparece toda em branco, ao mesmo tempo que dá um suspense, demonstra que o autor está pensando no que dizer.

Na página seguinte, novamente sem imagem, o autor dá destaque na conjunção adversativa: “**MAS** espere, Nina, espere, porque há duas razões para você não chorar.” (Ziraldo, 2002, p. 33), levando o leitor a perceber que ele teve outra ideia. E, as imagens voltam a aparecer. Nina aparece dormindo com um sorriso no rosto, sonhando com sua avó, em duas fases diferentes, com Nina criança e outra adolescente. E ao lado o texto verbal, o autor utiliza a conjunção condicional *SE* em destaque. Analisamos que há a intenção do autor de formular uma hipótese para quem não acredita em vida após a morte, com o intuito de trazer uma perspectiva diferente sobre a morte a avó:

Aí, você pode, Nina, ir dormir o seu soninho e sonhar um sonho bom, pois Vovó não está sofrendo. Como não vai acordar – seja aqui do nosso lado, seja em outro lugar – ela está sonhando, Nina (como sonha, toda noite, quem dorme um sonho profundo). E então, Vovó vai ver sua netinha crescer nos sonhos de vocês duas. Pode parar de chorar (Ziraldo, 2002, p. 35).

Na penúltima página, Nina aparece em pé de pijama em cima da cama acenando feliz e na última página novamente aparece outra hipótese para o acontecimento, também seguida da conjunção condicional *SE* em destaque, que faz referência à crença de que quem morre vai para outro mundo. Assim, Ziraldo (2002, p. 37) insere outra narrativa, com nova possibilidade de lidar com o sentimento de perda ao fim da história:

E aí, se acreditarmos que é desse jeito que as coisas acontecem, depois que a vida na Terra termina, pode ter certeza, Nina: vovó está vendo você. E, então, quando você dormir, dê um adeuzinho pra ela, mesmo que você não possa ver a vovó (é que o Céu é muito longe). E, de lá onde ela está, Vovó vai ver você crescer do jeito que ela sonhava. Portanto, não chore mais e vá dormir, minha querida, dos dois jeitos desse adeus é que a gente inventa a vida.

E assim, a história acaba, com Ziraldo confortando Nina com duas diferentes formas de ver a morte. Dessa forma, a escolha de como enxergar o fim da vida fica em aberto, Nina pode escolher no que vai acreditar.

## 5.2 Para sempre no meu coração

A história começa contando quem é Dorinha, “[...] uma menina muito inteligente, simpática e bastante extrovertida.” (Furtado & Sousa, 2019, p. 2). Ela possui um cão-guia, o Radar e, apesar de ainda não ter sido mencionado diretamente no texto, a ilustração de Dorinha com óculos escuro e o cão-guia, subtende-se que ela é deficiente visual. A responsável por mostrar Dorinha uma nova forma de ver o mundo, é a sua Vovó Zinha. Vovó aparece pela primeira vez na história como as avós das típicas histórias infantis, com o cabelo branco, com aparência bondosa e feliz, em casa, cozinhando.

Porém, a história mostra uma grande diferença entre outras avós, Vovó Zinha não a mimia e nem é uma avó super protetora, ela ensina a Dorinha a ser independente, mesmo o texto revelando que ela nasceu com deficiência visual. “Ela [Vovó] mostrou que o mundo não é feito só de imagens; mas também de aromas, sons, gostos e sensações.” (Furtado & Sousa, 2019, p. 5). Vovó passeia com a neta em parques e praias, faz com que Dorinha sinta a beleza dos lugares, texturas, ventos, cheiros, gostos e para sentir o mesmo que a neta, Vovó Zinha fecha os olhos e partilha desses mesmos momentos. “Dessa forma, tanto Dorinha quanto Vovó Zinha iam descobrindo juntas um mundo novo.” (Furtado & Sousa, 2019, p. 9).

Avó e neta frequentam “[...] orquestras maravilhosas, *shows* de *rock*, bailes de carnaval, escolas de samba ou uma sinfonia de pássaros num bosque.” (Furtado & Sousa, p. 10), o que faz com que elas aproveitem cada nota musical. Com as comidas, Vovó Zinha proporciona que Dorinha conheça a gastronomia de diferentes países, além de fazê-la reconhecer os mais diferentes gostos. “Vovó também incentivava Dorinha a

reconhecer os aromas: os perfumes das amigas, as fragrâncias das flores e das frutas, o café acabado de coar, o cheiro de talco dos bebês, o suor do papai quando corria e até mesmo . . . o Pum fedido dos amigos” (Furtado & Sousa, 2019, p. 14).

Com isso, Dorinha consegue reconhecer os amigos pelo cheiro, as feições pelo tato, os sentimentos apalpando o rosto ou pelo tom de voz e também sabe quem está chegando pelos passos. Apesar de tudo o que Vovó fez por Dorinha, o maior presente foi o cão-guia, Radar, que foi considerado os “olhos” da neta.

As duas também gostam de desfiles de moda e de frequentar *shopping* e fazer combinações perfeitas, Dorinha é considerada a mais “fashion” da turma da Mônica. Além disso, elas bordam e Vovó também conta histórias detalhadas, nas quais Dorinha consegue imaginar todas as paisagens e cenários. “Na voz da Vovó, Dorinha era a princesa em perigo, a brava guerreira, a exploradora de um planeta novo. Às vezes, era uma fada, em outras, uma bruxa.” (Furtado & Sousa, 2019, p. 27). Dorinha também aprende o braile e consegue ler sozinha “Romances, mistérios, aventuras e suspenses, nada escapa aos dedos ágeis e à imaginação fértil da menina!” (Furtado & Sousa, 2019, p. 29).

Após mostrar uma menina independente que aprendeu tudo devido a avó, a história sem nenhum sinal, muda. De repente nos é avisado: “Hoje, a Vovó Zinha não está mais entre nós” (Furtado & Sousa, 2019, p. 30). E é mostrada a ilustração da Vovó Zinha olhando pela neta em cima de uma nuvem com asas de anjo, ao lado do Anjinho da turma da Mônica. Na página ao lado aparece Dorinha com seu cão-guia junto da Turma da Mônica, seus amigos de diversas aventuras, antes também realizadas com sua avó.

A história não acaba com Dorinha triste, mas com a seguinte conclusão: “Mas seus ensinamentos e suas lembranças [de Vovó Zinha] estarão sempre em nossos pensamentos e corações! E, por essa razão, ela viverá para sempre nas lembranças de Dorinha [...]” (Furtado & Sousa, 2019, p. 31).

Os livros analisados possuem semelhanças, as duas contam a história de uma forte relação entre avó e neta que foi interrompida com a morte da avó. Para continuarmos a análise, usaremos a categorização dos itens: Linguagem não verbal, Linguagem verbal e Sentidos da morte.

Na linguagem não verbal das duas histórias as ilustrações são complementares aos livros. Como, por exemplo, no livro da Menina Nina, na imagem que Vovó Vivi está feliz com a chegada da neta, como está no texto verbal, mas também mostra como toda família também estava. E também, no livro *Para sempre no meu coração*, percebe-se como a turma da Mônica gosta de Dorinha com o desenho de uma personagem fazendo uma pintura de Dorinha, enquanto é mencionado no texto verbal que Vovó Zinha está nos pensamentos da neta.

Os dois livros apresentam cores fortes, como azul, verde e vermelho, as imagens de ambos também variam o tamanho, podendo ocupar uma ou duas páginas. O livro de Ziraldo possui trinta e sete (37) páginas e de Maurício de Sousa e Paula Furtado, trinta e uma (31).

Das quinze imagens ilustradas, do livro de Ziraldo, oito (8) possuem fundo branco e em algumas páginas não há imagens para complementar o texto verbal. Na obra de Mauricio de Sousa e Paula Furtado, são utilizadas vinte e seis imagens (26). Os dois usam técnicas de enquadramento de imagens além do ângulo normal<sup>3</sup>, usam o plongée<sup>4</sup> e Ziraldo ainda se utiliza do contra-plongée<sup>5</sup>. Outro recurso utilizado pelos dois cartunistas foi a metalinguagem<sup>6</sup>. Ziraldo usa ilustrações das fotos pessoais no álbum de fotos de Vovó Vivi, para mostrar os retratos dos bons momentos vividos pela avó de Nina. Sousa e Furtado usam da história no livro para falar das histórias que Dorinha vivia em sua imaginação.

Na linguagem verbal os autores utilizam das figuras de linguagem. Encontra-se nos dois livros o eufemismo, usado para amenizar a morte das avós. As demais figuras

---

<sup>3</sup> Quando a imagem está no nível dos olhos da pessoa que está sendo mostrada (Schuch, Vieira & Gonçalves, 2014).

<sup>4</sup> Quando a imagem está acima do nível dos olhos, sendo mostrada de cima (Schuch, Vieira & Gonçalves, 2014).

<sup>5</sup> Quando a imagem está abaixo do nível dos olhos, sendo mostrada de baixo (Schuch, Vieira & Gonçalves, 2014)

<sup>6</sup> Quando se utiliza de uma linguagem para explicar a própria linguagem (Sacconi, 2001).

semânticas foram aliteração, anáfora, metáfora, sinestesia e analogia, também é encontrada a figura sonora, cacofonia<sup>7</sup>.

No livro do Ziraldo, há uso do eufemismo: “Vovó dormia para sempre.” (ZIRALDO, 2002, p. 27); aliteração: “Vovó é uma vocação irresistível de avó. Vó Vivi é a vó do ano todo dia, toda hora.” (Ziraldo, 2002, p. 16); anáfora: “Vovó, eu não posso mais abraçar as suas pernas, não posso beijar seu rosto, não posso pegar sua mão...” (Ziraldo, 2002, p. 28) e metáfora: “Vovó é uma matriosca . . .” (Ziraldo, 2002, p. 8).

O livro do Maurício de Souza e Paula Furtado possui sinestesia: “Sentiam o cheiro do orvalho, da terra e o cheiro adocicado das flores. Podiam apreciar o gosto salgado do mar.” (Furtado; Sousa, 2019, p. 9); eufemismo: “Hoje, a Vovó Zinha não está mais entre nós.” (Furtado; Sousa, 2019, p. 30); analogia: “Além de ser um bichinho de estimação, o Labrador funciona como “seus olhos” em todos os momentos.” (Furtado; Sousa, 2019, p. 18) e cacofonia: “Esta é a Vovó Zinha querida. . .” (Furtado; Sousa, 2019, p. 4).

Os dois livros são narrativos<sup>8</sup>, mas o livro do Ziraldo (2002, p. 37) também possui versos e estrofes. Além dos dois possuírem discurso direto<sup>9</sup>, porém Ziraldo também faz uso do indireto<sup>10</sup> para falar com sua neta sobre a morte da avó, “Nina, você vai ter te entender, tem gente que é deste jeito: não gosta de despedidas. Não chore, Nina, não chore” (2002, p. 31).

Sobre os sentidos da morte, nenhuma das histórias explicitam se as avós foram enterradas ou cremadas ou se houve algum ritual fúnebre, poupando as crianças dessa parte importante sobre a morte. Segundo Conrad e Schwertner, “. . . participar de um ritual ou cerimônia em lembrança aos mortos, independentemente das crenças que a

---

<sup>7</sup> Eufemismo: amenização de uma expressão. Aliteração: repetição de um som de uma consoante na mesma frase. Anáfora: ênfase da mensagem, com repetição de palavras. Metáfora: comparação implícita, sem uso de comparativo. Sinestesia: mistura de dois ou mais sentidos humanos. Analogia: aproximação equivalente entre elementos por meio do sentido figurado e dos conectivos de comparação. Cacofonia: junção do final de uma palavra com o início da seguinte que pode tornar o som diferente e criar outro significado (Sacconi, 2001).

<sup>8</sup> Os fatos são contados pelo narrador por meio de uma sequência de ações reais ou imaginárias (Sacconi, 2001)

<sup>9</sup> Transcrição da fala exata das personagens sem uso de narrador (Sacconi, 2001).

<sup>10</sup> Apresentação das falas das personagens por meio de um narrador (Sacconi, 2001).

família possa ter, é importante para que a criança compreenda o processo de ‘despedida’, de morte” (2018, p. 159).

No livro do Ziraldo são encontradas duas explicações sobre onde Vovó Vivi teria ido após a morte, o que faz com que o próprio leitor possa escolher no que acreditar ou continue com sua crença.

Uma das explicações vai ao encontro com as crenças religiosas, mitos e da definição da filosofia, mostradas na fundamentação do artigo: “A arte de morrer de acordo com as argumentações de Sócrates, nada mais era que aceitar a morte como a separação da alma (a qual continua a existir) do corpo (o qual cessa de existir).” (Santos, 2009, p. 16).

Ziraldo ao escrever: “**SE** muito além desse sono que vovó está dormindo não existe - como muita gente crê - não existe despertar, nem porto, destino ou luz; . . .” (2002, p. 35), ele abrange o que acreditam os ateus, por exemplo. Já ao dizer “**SE**, porém, depois desse sono imenso, Vovó Vivi despertar num outro mundo, feito de luz e de estrelas, veja Nina, que barato!!! Que lindo virar um anjo.” (Ziraldo, 2002, p. 37), Ziraldo demonstra uma crença em vida após a morte, que pode ser encontrada em diferentes tipos de religiões e crenças pessoais.

O que acontece também na história de Mauricio de Sousa e Paula Furtado que não menciona o lugar em que Vovó Zinha foi, apenas diz: “Mas seus pensamentos e suas lembranças estarão sempre em nossos pensamentos e corações! E, por essa razão, ela viverá para sempre nas lembranças de Dorinha . . .” (Furtado & Sousa, 2019, p. 31). Porém, apresenta uma ilustração da Vovó Zinha com asas de anjo junto com o Anjinho da Turma da Mônica em cima de uma nuvem observando a neta, Dorinha. O que demonstra uma crença na vida após a morte.

Sobre a forma de como a morte é encarada pelas netas, no livro do Ziraldo, é mostrada a indignação e tristeza de Nina ao saber da morte avó. “Vovó, que coisa difícil, Vovó Vivi, que aflição!” (2002, p. 28). Esses sentimentos são diferentes daqueles da cultura mexicana, por exemplo, que enxerga a morte como um momento de ironia e brincadeira.

No livro de Mauricio de Sousa e Paula Furtado, não é demonstrado como Dorinha enfrentou o luto, não sendo possível dizer se ela ainda está de luto ou se já aceitou a morte da avó. Pelas palavras “. . . ela viverá para sempre nas lembranças de Dorinha . . .” só é nítido que a neta ainda pensa muito na avó que faleceu.

Assim sendo, a primeira hipótese: *Os autores mostram nos livros a visão pessoal sobre para onde vamos quando morremos*, não é verdadeira. No livro de Ziraldo são mostradas duas hipóteses de onde vamos quando morremos, não possibilitando saber qual a visão do autor. E no livro do Mauricio de Sousa e Paula Furtado, só podemos afirmar que pela imagem da avó no céu com asas de anjo, que ele acredita em vida após a morte.

A segunda hipótese: *Por ser um livro infantil, a morte é abordada com eufemismo*, é verdadeira. Apesar de no livro de Ziraldo ser mostrado a tristeza de Nina, a morte é abordada como um sono eterno e no livro de Mauricio de Sousa e Paula Furtado, só é mencionado que a avó não está mais entre nós.

## 6 Considerações finais

Esta pesquisa teve como intuito auxiliar às crianças a enfrentarem os desafios de viver em quarentena, aos pais a lidarem com a nova rotina de seus filhos, e aos professores, na elaboração de estratégias didáticas que contemplem temas envolvendo a finitude humana e os efeitos da COVID-19 na sociedade.

Na análise dos dois livros selecionados percebemos que há semelhanças entre eles nos modos de explorar a temática e de utilizar a linguagem verbal e não verbal de modo complementar.

Na história da *Menina Nina* é mostrada a angústia da criança ao descobrir que sua avó não estará mais com ela e, no livro *Para sempre no meu coração*, vemos que Dorinha, embora ainda pense na avó que faleceu, está feliz brincando com seus amigos.

É importante observar que os sentidos da morte presentes nos textos não especificam nenhuma religião e ainda apontam a existência de mais de uma forma de ver a morte, o que implica considerar a polissemia do termo (Nicolli & Mortimer, 2012).

Essas análises contribuem, nesse sentido, para que busquemos uma abordagem relacional sobre a morte nas escolas, como sugerem Nicolli e Mortimer (2012), e interdisciplinar, na medida em que é possível utilizar a literatura infantil como recurso mobilizador de sentimentos, emoções e compreensões sobre a morte, em diferentes culturas, incluindo a cultura científica.

Como suporte às famílias, essas histórias podem auxiliá-las no diálogo com as crianças em casa e ser um modo de aproximar pais e filhos na troca de sentimentos e emoções advindas dos medos e anseios que acompanham o pensar sobre a morte e o vivê-la. O trabalho com a temática por meio da literatura pode, inclusive, ser realizado em casa e na escola de modo planejado e articulado, possibilitando um diálogo entre as diferentes crenças e sentidos (científicos, culturais, religiosos, históricos etc), ou seja, podem abrir espaço para a polissemia e para aproximação entre família e escola.

Compreendemos que os livros, ao fazerem uso de imagens com cores fortes, diferentes enquadramentos e metalinguagens atraem as crianças para um assunto difícil de ser falado, a morte. Além das figuras de linguagem que amenizam o assunto e também tornam o texto mais atrativo. Esses mecanismos linguísticos discursivos são importantes para dar suporte ao processo de produção de sentidos antecipados pelos autores que envolvem: a ausência de rituais fúnebres, o uso da religião na abordagem da temática da morte, mesmo que sem citar uma em específico. Ziraldo parte de uma visão que podemos identificar como sendo mais focada na existência presente e no sentido naturalista, por assim dizer, do processo de vida e de morte.

Ademais, por usar diferentes linguagens: verbal e visual, se constituem como alternativa para um trabalho integrado, que considere como documento norteador a BNCC na seleção de temas e conteúdos que serão inseridos no planejamento das atividades que envolvam os campos de experiência, propostos para serem desenvolvidos na Educação Infantil e, os componentes curriculares do Ensino Fundamental I: Linguagens (língua portuguesa, arte e educação física); Matemática; Ciências da Natureza; Ciências Humanas (geografia e história) e Ensino Religioso.

Ao inferir sobre possibilidades de uma integração entre Linguagem e Ciências da Natureza, sobretudo nesse contexto em que a pandemia afeta a todos os seres humanos

do planeta, gerando medos, angústias e dúvidas, também sugerimos a necessidade de repensarmos nossa relação com a natureza e de buscarmos novos sentidos para o que é concebido como o oposto à morte, ou seja, sentidos outros para nossa vida e para nossa ação humana a partir do presente.

## Referências

- Aquino, T. A. A. Alves, A. C. D., Aguiar, A. A. & Refosco, R. F. O. (2010). Sentido da vida e conceito de morte em estudantes universitários: um estudo correlacional. *Interação em Psicologia*, Curitiba, 14(2), 233-243. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/16696/13924>
- Ariès, P. (1977). *A História da Morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Base Nacional Comum Curricular (BNCC). (2018). *Resolução n. 4, de 20 de dezembro de 1996*. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo. Diário Oficial da União, Brasília.
- Caldin, C. F. (2001). A leitura como função terapêutica: biblioterapia. *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*, Florianópolis, 6 (12), 32-44. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/15182924.2001v6n12p32/520>
- Caputo, R. F. (2008). O homem e suas representações sobre a morte e o morrer: um percurso histórico. *Saber acadêmico*, São Paulo, (6), 73 – 80. Disponível em: [http://uniesp.edu.br/sites/\\_biblioteca/revistas/20180403124306.pdf](http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20180403124306.pdf)
- Combinato, D. S.; & Queiroz, M. S. (2006). Morte: uma visão psicossocial. *Estud. psicol.* Natal, 11(2), 209-216. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413294X2006000200010&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413294X2006000200010&script=sci_abstract&tlng=pt)

- Conrad, J. M., & Schwertner, S. F. (2018). Contando histórias sobre a morte: Uma análise dos livros do PNBE para crianças. *Revista Nuances: estudos sobre Educação*, Presidente Prudente, 2(3), 148-164. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/5202>
- D'Oliveira, G. F. (2011). Humor e identidade: Brasilidade em Laerte e Mauricio de Sousa. *Revista USP*, São Paulo, (88), 60-72, Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13852>
- Drigo, J. (2015). Origem e evolução da imagem de Caronte na Grécia Antiga: análise de iconografia. *Letras Clássicas*, São Paulo, 19(1), 123-131. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/letrasclassicas/article/view/126654>
- Franco, M. H. P.; & Mazorra, L. (2007). Criança e luto: vivências fantasmáticas diante da morte do genitor. *Estud. psicol.*, Campinas, 24(4), 503-511. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103166X2007000400009&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103166X2007000400009&script=sci_arttext)
- Furtado, P. & Sousa, M. (2019). *Para sempre no meu coração*. Barueri: Girassol Brasil.
- Giacoa Junior, O. (2005). A visão da morte ao longo do tempo. *Medicina*, 38(1), 13-19. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/418/419>
- Giroto, C. G. G. S.; & Oliveira, A. S. (2018). Era uma vez: a poeticidade na construção de Menina Nina: duas razões para não chorar. *Educ. Anál.*, 3(2), 120-135. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/educanalise/article/view/31572>
- Godoy, A. S. (1995). Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *Rev. adm. empres.*, 35(3), 20-29. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S003475901995000300004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003475901995000300004&lng=en&nrm=iso)
- Guedes, M. G. (2013). *A Biblioterapia na realidade bibliotecária no Brasil: a mediação da informação*. Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação. Brasília: Universidade de Brasília. Retirado em 06 de agosto, 2020, de: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/13659>.

- Kóvacs, M. J. (2005). Educação para a morte. *Psicol. cienc. prof.*, 25(3), 484-497. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932005000300012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932005000300012&lng=en&nrm=iso)
- Melo, C. V. (2004). *O significado da morte nas diferentes etapas da vida humana*. Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia. Brasília: Faculdade de Ciências da Saúde. Retirado em 12 de agosto, 2020, de: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/2928/2/9960500.pdf>.
- Nicolli, A. A.; & Mortimer, E. F. (2012). Perfil conceitual e a escolarização do conceito de morte no ensino de Ciências. *Educar em Revista*, 28(44), 19-35. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/er/n44/n44a03.pdf>
- Orlandi, E. P. (2007). *Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 5. Campinas: Pontes Editores.
- Orlandi, E. P. (2008). *Discurso e Leitura*. São Paulo: Cortez.
- Orlandi, E. P. (2009). *Análise de Discurso: princípios & procedimentos*. Campinas: Pontes.
- Paiva, L. E. (2011). *A arte de falar da morte para crianças: a literatura infantil como recurso para abordar a morte com crianças e educadores*. Aparecida: Ideias & Letras.
- Rosa, A. L. R. (2006). *As cartas de Ana Cristina César: uma contribuição para a Biblioterapia*. Dissertação de Mestrado em Letras. Três Corações: Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações. Retirado em 13 de agosto, 2020, de: [https://www.unincor.br/images/imagens/2017/mestrado\\_letras/APARECIDA\\_LUCIENE\\_RESENDE\\_ROSA.pdf](https://www.unincor.br/images/imagens/2017/mestrado_letras/APARECIDA_LUCIENE_RESENDE_ROSA.pdf).
- Santos, F. S. (2009). *A Arte de Morrer: Visões Plurais*. São Paulo: Editora Comenius.
- Sacconi, L. A. (2001). *Gramática Essencial Ilustrada*. São Paulo: Atual Editora.
- Schmidt, B., Melo, B. D., Lima, C. C., Pereira, D. R., Serpeloni, F., Katz, I., Rabelo, I., Kabad, J. F., Souza e Souza, M., Kadri, M. & Magrin, N. P. (2020). *Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19: a quarentena na COVID-19 - orientações e*

*estratégias de cuidado*. Rio de Janeiro: Fiocruz/CEPEDES, Cartilha. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/documento/saude-mental-e-atencao-psicossocialnapandemia-covid-19>

Schuch; R. M. G, Vieira, M. L. H., & Gonçalves; M. M. (2014). A criação de um glossário cognitivo a partir de um estudo sobre enquadramento de cenas. *Travessias*, 8(3), 403-421. Disponível em: <http://saber.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/10925/8111>

Silva, J. C. G.; & Garcia, J. C. R. (2016). *O projeto de lei nº 4186/2012: em cena a atuação da biblioterapia*. Trabalho de Conclusão de Curso de Biblioteconomia. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba. Retirado em 21 de agosto, 2020, de: <http://www.ccsa.ufpb.br/biblio/contents/tcc/tcc-2016/o-projeto-de-lei-n-4186-2012-em-cena-a-atuacao-da-biblioterapia.pdf/view>.

Torres, W. C. (1979). O conceito de morte na criança. *Sistema de Bibliotecas*, 31(4), 9-3. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abp/article/view/18239>

Vasques, D. G., & Oliveira, V. H. N. (2021). Educação e Iniciação Científica na pandemia: analisando os estudos remotos do ensino fundamental. *Pesquisa E Ensino*, 2(2), 202121. <https://doi.org/10.37853/202121>

Vergueiro, W. (1999). A odisséia dos quadrinhos infantis brasileiros: Parte 2: O domínio de Maurício de Sousa e a Turma da Mônica. *Revista Agaquê*, 2(2), 1-4. Disponível em: [http://www.eca.usp.br/nucleos/nphqeca/agaque/ano2/numero2/artigosn2\\_1v2.htm](http://www.eca.usp.br/nucleos/nphqeca/agaque/ano2/numero2/artigosn2_1v2.htm)

Vendruscolo, J. (2005). Visão da criança sobre a morte. *Medicina*, 38(1), 26-33. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/420>

Villaseñor, R. L., & Concone, M. H. V. B. (2013). A celebração da morte no imaginário popular mexicano. *Revista Kairós: Gerontologia*, 15, 37-4. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/17036>

Ziraldó. (2002). *Menina Nina: duas razões para não chorar*. São Paulo: Melhoramentos.